

JAGUAR NA RUA CUBA

Tenho uma longa relação com os jaguares e com Cuba, ainda que por estranhos caminhos. Era fã do design do carro esportivo Jaguar, lembrava vagamente o Puma que meu amigo Túlio desfilava nos tempos da faculdade de arquitetura em Mogi das Cruzes, um sucesso entre as “Marias-gasolina” da época. Depois, durante meus estudos do mestrado, embrenhei na pesquisa sobre a fábrica de calçados “Jaguar”, a pioneira empresa liderada por Carlos Pacheco que deu origem à importante indústria calçadista da cidade de Franca, que se tornou o maior pólo de produção de sapatos masculinos da América.

Desde que projetei e construí o prédio que abriga o Laboratório das Artes à Rua Cuba, pequena via pública do Jardim Consolação, a rua Cuba entrou para a memória local ao ser citada nos jornais, pois o Boquita, um jornalista já falecido que escrevia no “Diário da Franca”, adorava fazer trocadilhos com o nome da rua quando havia algum evento no Lab. Naquela época, final da ditadura, o Brasil não tinha relações diplomáticas com Cuba, a ilha comunista era um mistério para nós, que só tínhamos acesso a notícias pelo viés da propaganda anticomunista (quase sempre falso ou exagerado negativamente) do período de “guerra fria”, então o Boquita adorava brincar com o duplo sentido.

A Rua Cuba de Franca nada tem a ver com a Rua Cuba paulistana, famosa pelo “crime da Rua Cuba”, que foi manchete anos seguidos pelo crime lá ocorrido. É um lugar aonde a arte vem resistindo, apesar de todos os pesares. Mas nem sempre foi assim. Alguns acontecimentos fortuitos alimentaram o folclore sobre o Lab e a Rua Cuba, a começar da história da jaguatirica. A jaguatirica é um felino selvagem de médio porte, enquanto que a onça faz parte dos grandes felinos. O Jaguar é a mesma coisa que onça pintada e a onça pintada é o maior felino das Américas. O episódio foi o seguinte: nos anos 90, com o avanço das plantações de cana na região da vizinha cidade de Restinga, os animais de maior porte foram sendo expulsos de seu habitat natural. Foi quando uma jaguatirica apareceu dentro dos jardins do Lab, tiveram que vir os bombeiros para capturar o animal, que provavelmente veio pelo leite do córrego dos Bagres em fuga dos incêndios da cana.

Mas isso não foi o mais inusitado (além das obras artísticas expostas), que ocorreu na sede do Lab à Rua Cuba. Plantamos várias árvores nas calçadas, uma delas doada pelo Sr. Nelson Pucci, que mantinha um viveiro na fábrica Amazonas. Ele doou uma muda de sândalo, que cresceu muito. Num destes cataclismos que vem assolando as cidades (pela destruição do ecossistema da região), com fortes ventanias, o sândalo caiu como um graveto sobre o telhado do Lab. O susto foi grande, mas felizmente os danos materiais foram pequenos para o tamanho do desastre. Os bombeiros vieram de novo.

A Rua Cuba, além de sua contribuição à cultura, também já entrou nos anais da imprensa e das páginas policiais, mas por motivos alheios à arte, essa arte às vezes tão vilipendiada ou rechaçada socialmente por suas transgressões e, ao mesmo tempo, essencial para nos lembrar que somos humanos e que viver em sociedade é nosso destino.

Mauro Ferreira é arquiteto